



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FERNANDA MAINE ALVES VIEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA
PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO PARA O DIÁRIO**

CAJAZEIRAS – PB

2019

FERNANDA MAINE ALVES VIEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA
PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO PARA O DIÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

V658c Vieira, Fernanda Maine Alves.
As contribuições do processo de retextualização na produção textual do gênero documentário para o diário / Fernanda Maine Alves Vieira. - Cajazeiras, 2019.
43f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pareira.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2019.

1. Texto. 2. Retextualização. 3. Gêneros textuais. 4. Língua portuguesa - ensino. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.134.3

FERNANDA MAINE ALVES VIEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA
PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO PARA O GÊNERO
DIÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 06 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Hérica Paiva Pereira

**Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)**

Abdoral Inácio da Silva

**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)**

Mercia Cavalcanti da Silva

**Prof.^a Ma. Mercia Cavalcanti da Silva
(EEEFJN – Examinador 2)**

**A Deus, que sempre me guiou até aqui;
Ao meu avô (*in memoriam*), por todo amor;
Aos meus pais, Aurélio e Rozimária;
Igualmente aos meus outros familiares,
irmãos, tios, padrinhos e avós, que
sempre me deram forças para
continuar.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos em minha vida.

Aos meus pais, por todo amor, carinho, dedicação e apoio incondicional.

Ao meu irmão, que sempre me incentivou.

Aos meus avós, maternos e paternos, por todo carinho, preocupação e amor.

A todos os meus familiares, por todo incentivo.

Ao meu namorado, por sempre me apoiar.

À minha companheira de curso, Gabriele Pereira, pelo companheirismo e presença constante, durante toda a trajetória. Gratidão também a toda turma pela amizade e compartilhamento de conhecimentos.

À minha amiga Ana Joyce, que sempre me ajudou.

À minha orientadora, Hérica Paiva, por todo empenho, ajuda e dedicação.

À professora Erlane, por todo empenho e disponibilidade.

Agradeço a todos que contribuíram para a minha formação, direta ou indiretamente. Muito obrigada.

“São os usos que fundam a língua, e não o contrário. Falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido em uma dada situação”

Luiz Antônio Marcuschi

RESUMO

Este trabalho ressalta a contribuição da Linguística textual ao focar o texto como instrumento essencial no ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva apresenta o processo de retextualização como um caminho a ser utilizado para a produção de textos sejam eles orais ou escritos. O objetivo da pesquisa visa abordar o processo de retextualização e como este pode auxiliar no desenvolvimento da escrita do aluno e na produção de novos textos e está fundamentado nos aportes teóricos de Costa Val (1999), Fávero e Koch (2005), Koch (2013), Antunes (2002), Marcuschi (2008, 2010a, 2010b), Penafria (1999), Melo (2002) e Hess (2006). Em se tratando da metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativa na qual foram utilizados como instrumentos de pesquisa livros, artigos, monografias e teses que abordam o tema em estudo. Como resultado da pesquisa apresentamos um exemplo de retextualização da oralidade para a escrita, do gênero documentário para o gênero diário, a fim de contribuir com o ensino-aprendizagem de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, no que concerne ao trabalho com o texto e os gêneros textuais orais e escritos.

Palavras-chave: Texto. Processo de Retextualização. Gêneros textuais.

ABSTRACT

This paper discusses the textlinguistics contributions focusing the text as an important and essential instrument in teaching-learning. Here, we present the retextualization as a process to be used for the writing, even when the texts are oral. This research aims to discuss the process of retextualization and how it can help the writing development as well as the student's text production. The theoretical contribute is based in the authors Costa Val (1999), Fávero and Koch (2005), Koch (2013), Antunes (2002), Marcuschi (2008, 2010a, 2010b), Penafria (1999), Melo (2002) and Hess (2006). For this we realized a bibliographic research with qualitative approach, where books, papers, monographs and theses were analyzed. As a result we report an instance of orality retextualization to writing, of documentary genre to daily genre, for the purpose of contribute to the teaching-learning of 8th grade students, regarding the activities development with text and oral or written genres.

Key-words: text, retextualization, genres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Diagrama 1	- Fluxo das Ações.....	25
Diagrama 2	- Modelo das operações textuais discursivas na passagem do texto oral para o escrito.....	26
Figura 1	- Documentário.....	34
Figura 2	- Diário.....	34
Quadro 1	- Aspectos envolvidos nos processos de retextualização.....	24
Quadro 2	- Definição de Tipos Textuais e Gêneros Textuais.....	29
Quadro 3	- Texto 1: Transcrição do gênero “Borboletas em voo” (texto original - com hesitações, repetições e sem inserir pontuação	36
Quadro 4	- Reescrita do gênero documento “Borboletas em voo” com alterações para uma melhor compreensão do texto.....	37
Quadro 5	- Retextualização “Borboletas em voo”.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CFP - Centro de Formação de Professores
- GTs - Gêneros textuais
- LP - Língua Portuguesa
- LT - Linguística Textual
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 RETEXTUALIZAÇÃO E GÊNEROS TEXTUAIS: UM CAMINHO NORTEADOR PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL	15
2.1 As contribuições da linguística textual no ensino de Língua Portuguesa..	15
2.1.1 Texto e Textualidade	17
2.1.2 O processo de retextualização na perspectiva de Marcuschi.....	20
2.2 Os gêneros textuais como instrumentos norteadores no ensino-aprendizagem	27
2.2.1 Gênero documentário.....	31
2.2.2 Gênero diário.....	32
3 A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO PARA O GÊNERO DIÁRIO.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Tendo o texto como grande enfoque para o ensino de Língua Portuguesa, é fundamental trabalharmos a partir dele, buscando sempre inovar as práticas de ensino, para que assim, desperte o interesse do aluno em seu âmbito escolar, tanto para a leitura, compreensão de textos, como também o desenvolvimento da produção textual.

Baseados no estudo da Linguística Textual, o ensino deve fundar-se em textos e não apenas na abordagem de fragmentos, centrados em frases e palavras isoladas de forma descontextualizada de sua produção.

Nessa perspectiva, surgiu o interesse em trabalhar com o processo de retextualização e sua contribuição na construção do texto, pois através da criação de novos textos o aluno desenvolve sua capacidade de produção tanto na modalidade oral como escrita. Isso porque o surgimento do novo texto só é possível a partir do entendimento do texto base, que seria nesse caso o texto original que vai passar pelo processo de retextualização.

É importante destacar que o gênero textual é a ferramenta essencial nesse processo, dado que, na maioria das vezes a retextualização ocorre através da mudança de um gênero para outro, seja ele da oralidade para a escrita; da escrita para a oralidade, da escrita para a escrita e da oralidade para a oralidade. É ainda através dos diferentes gêneros textuais, presentes no nosso cotidiano, que desenvolvemos nossas práticas sociais e discursivas no dia a dia, por isso a sua relevância no ensino-aprendizagem para que o aluno adquira as habilidades necessárias para desenvolver-se nas várias situações comunicativas.

Tendo o enfoque nesses dois elementos de ensino, são vastas as possibilidades para abordarmos em sala de aula, visto que abrem um leque de oportunidades para trabalharmos com gêneros orais e escritos, utilizando da retextualização para recriarmos, adaptarmos, produzirmos diversos outros gêneros, e reconhecermos quais suas funções e como estes podem ser inseridos na sociedade.

Nessa perspectiva este trabalho aborda a retextualização da oralidade para a escrita tendo como texto base o gênero documentário, que por sua vez será retextualizado para o gênero diário. A questão norteadora que nos impulsionou a

aprofundar o estudo da retextualização foi perceber durante os Estágios Curriculares Supervisionados, a carência que os alunos apresentam no que se refere ao conhecimento dos gêneros, da compreensão e produção textual, seja tanto na oralidade como na escrita. Portanto, esta pesquisa justifica-se por querer contribuir para as práticas de ensino de leitura e produção textual, tendo presente os alunos do 8º ano do ensino fundamental.

O objetivo deste trabalho visa abordar o processo de retextualização e como este pode auxiliar no desenvolvimento da escrita do aluno e na produção de novos textos. Para isso temos como objetivos específicos: destacar a importância da linguística textual; Explicar como ocorre o processo de retextualização; descrever a contribuição dos gêneros textuais no ensino aprendizagem e na construção de novos gêneros e, por último, apresentar um exemplo de retextualização do gênero documentário para o diário.

Para fundamentar esse trabalho, baseamo-nos nas teorias de Costa Val (1999), Fávero e Koch (2005), Koch (2013) e Antunes (2002), no que se refere ao trabalho com o texto; Marcuschi (2008, 2010a, 2010b) e suas contribuições para o processo de retextualização; Penafria (1999), Melo (2002) na abordagem do gênero documentário e Hess (2006) ao tratar do gênero diário.

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico na qual se utiliza de materiais já publicados de forma a ampliar o conhecimento sobre o tema abordado. Dessa forma, a pesquisa classifica-se como abordagem qualitativa, na qual serão interpretadas informações de modo a construir significados. Para isso, foram usados como instrumento de pesquisa livros, artigos, monografias e teses que abordam o tema em estudo.

O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo temos a Introdução, na qual apresentamos o tema, o problema, a justificativa, o objetivo geral e específicos, fundamentação teórica e a metodologia aplicada para realizar a pesquisa.

No segundo capítulo, trazemos a fundamentação teórica que consta dos seguintes itens: As contribuições da Linguística textual no ensino de Língua Portuguesa; Texto e textualidade; O processo de retextualização na perspectiva de Marcuschi; Os gêneros textuais como instrumentos norteadores no ensino-aprendizagem; Gênero documentário e o Gênero diário.

No terceiro capítulo, apresentamos um exemplo de retextualização do gênero documentário para o gênero diário, com a finalidade de poder contribuir para o ensino-aprendizagem dos alunos do 8º ano, em se tratando do conhecimento dos gêneros em questão, assim como a compreensão e produção textual.

Por último, apresentamos as considerações finais, destacando a contribuição do processo de retextualização, a partir dos GTs, com vistas na produção, interpretação e construção de novos textos.

2 RETEXTUALIZAÇÃO E GÊNEROS TEXTUAIS: UM CAMINHO NORTEADOR PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL

Neste capítulo abordaremos conceitos e contribuições que a LT trouxe para o ensino-aprendizagem de LP ao considerar o texto como instrumento principal na condução de um ensino contextualizado que ultrapassa os limites das palavras e das frases.

Nessa conjuntura apresentamos a importância do processo de retextualização, por meio de GTs, na construção de novos textos.

2.1 As contribuições da linguística textual no ensino de Língua Portuguesa

A LT surgiu na Europa na década de 60, tem como objeto de estudo não apenas a frase ou a palavra isolada, e sim o texto, pois é através deste que acontecem as manifestações da linguagem. A LT vem contestar a gramática normativa descontextualizada, visto que a mesma usa o texto apenas como um pretexto para o ensino e não de maneira aperfeiçoada. O viés, ainda muito utilizado na sala de aula é o estudo da gramática através de frases soltas, sendo este o ponto a qual a LT faz suas discussões, destacando que o texto como ferramenta principal de ensino de LP é o caminho a ser percorrido, pois através desse ponto de estudo os alunos terão maior conhecimento da aplicação das regras gramaticais e como elas funcionam efetivamente, tanto da produção escrita como nas diversas manifestações sociais do indivíduo.

O objeto de estudo da LT, como o próprio nome já faz referência, é o texto, e de acordo com Fávero e Koch (2005, p. 14) “[...] sendo o texto muito mais que uma simples sequência de enunciados, a sua compreensão e sua produção derivam de uma competência específica do falante – a competência textual – [...]”, ou seja, não é voltado apenas para a produção, e sim como é a recepção do texto pelo falante, sendo esta uma competência da LT.

Essa nova concepção de estudo da língua, constituiu-se na criação de uma gramática textual, que visa o ensino da língua de forma mais contextualizada e explicada, preenchendo assim as lacunas que ficam acerca dos estudos gramaticais, visto que o objetivo da gramática textual é questionar sobre as ocorrências linguísticas que não podem ser explicadas apenas por meio da frase.

A LT é marcada por três momentos, em que são destacadas a teoria da frase e a teoria do texto. É válido ressaltar, que esses momentos, de acordo com Fávero e Koch (2005) não aconteceram em uma ordem cronológica. Os momentos são: análise transfrástica (análise dos limites do enunciado); o segundo, gramáticas textuais; o terceiro, construção das teorias do texto.

O primeiro momento é voltado para o estudo de enunciados ou sequência de enunciados e seu principal objetivo, de acordo com os autores, é analisar como podem se desenvolver as relações entre os enunciados, que consistem em um conjunto de sequências significativas.

O segundo momento, a gramática textual é um estudo voltado para explicação de fenômenos linguísticos, que não seriam possíveis ser explicados através da gramática de enunciados, aquela que utiliza-se apenas a frase, e não o texto, pois através deste, o estudo torna-se mais contextualizado.

E o terceiro momento, a construção das teorias de texto, o campo de estudo é desde o texto ao contexto, que compreende outros fenômenos que estão fora do texto, envolvendo as condições de produção, da recepção e interpretação, visto que esses conjuntos são aceitos por cada indivíduo de forma particular, cada qual com seu conhecimento de mundo e suas condições de entendimento.

Vale ressaltar, que a criação da LT abriu novos caminhos para estudar o texto, sua funcionalidade e a relação da língua com o texto, ultrapassando assim os limites que impõem o estudo apenas da frase, de forma isolada.

Para entender a LT, é fundamental que entendamos o que é o texto, e conforme nos aponta Costa Val (1999) o texto ou o discurso pode ser entendido como qualquer evento linguístico, seja ela falada ou escrita, dotada de qualquer extensão, possuindo elementos sociocomunicativo, semântico e formal. Ainda nas palavras da autora uma manifestação linguística, para ser concebida como um texto, necessita ser entendida pelo receptor, além disso, considerar fatores primordiais que precisam conter no texto, como é o caso da coesão e coerência.

Existem vários elementos que determinam a produção e a recepção do texto, que envolvem o produtor e o receptor, com elementos característicos de cada ato comunicativo. Para a autora (1999, p. 4):

[...] às intenções do produtor; o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si

mesmo e ao tema do discurso; e o espaço de perceptibilidade visual e acústica comum, na comunicação face a face.

O texto, para ser considerado um texto, envolve diversos aspectos, dentre eles culturais, semânticos e sociais, pois através destes é construído o seu sentido. Dessa forma, o texto para ser entendido como tal, precisa ser percebido por quem lê, que por sua vez traz uma carga de significado. Vale ressaltar ainda que, a coerência é um dos componentes principais do texto, pois é a base para o seu sentido, abrangendo não apenas aspectos coerentes, e sim, elementos que precisam ser compartilhado entre os interlocutores.

A autora destaca que um texto para ser compreendido como tal, é avaliado sob três aspectos: o pragmático, que diz respeito ao ato comunicativo e sua informatividade; semântico-conceitual é o elemento que depende da coerência, ou seja, que tenha nexos e sentido; e o formal está relacionado a coesão, que compreende um texto bem estruturado e compreensível.

Nesse contexto, para Costa Val (1999), a textualidade é um dos fatores que compõem um texto, ou seja, é a partir da textualidade que o texto é considerado um texto e não apenas um enunciado de frases isoladas. No que se refere à coerência e à coesão, esses são elementos responsáveis para desenvolver a relação de sentido entre os componentes do discurso, podendo ser entendido como conectividade textual.

Enfim, diante do exposto compreendemos que já não é possível estudarmos o texto deslocado de um contexto de produção que envolve aspectos culturais, semânticos e sociais.

2.1.1 Texto e Textualidade

É fundamental entendermos a definição de texto segundo a visão de alguns autores, visto que esse é o elemento base para estudarmos sobre a língua e seu funcionamento na sociedade.

São vastas as definições para o que venha a ser um texto, e essas mudam de acordo com o autor e sua teoria abordada. Portanto, o texto é um instrumento fundamental para o ensino e a comunicação, ou seja, é o caminho para a

aprendizagem através de um processo de interação entre os falantes de uma língua, pois é por meio dele que se desenvolvem atividades orais, escritas e não verbais.

Tanto no ensino fundamental como no médio, o texto é a base para a aprendizagem, de acordo com Koch (2013, p. 26):

O texto ele pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, o que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social.

Ainda de acordo com a autora, o texto não é apenas aquela produção oral, e sim, a interação verbal, com intenções sociais e comunicativas, inserido em um contexto mais amplo de atividades, ou seja, é uma forma de interação através da linguagem, visto que os que compõem essa relação estão envolvidos na construção textual.

É importante destacar que o texto por si só não terá uma carga de significado suficiente, por isso é necessário que este possua um significado tanto para o autor do texto como para o receptor, atribuindo uma interpretação e ocorrendo a união entre os termos, pois de acordo com Costa Val (1999) o texto não será dotado de uma carga de significado isoladamente, apenas por o produtor do texto, e sim, construído, também, pelo receptor, incluindo os conhecimentos de mundo, necessários para sua interpretação.

De acordo com Koch (2013), a definição de texto não está apenas centrada no sentido que este possui, e sim, como pode ser construído a partir dele, considerando não apenas os componentes internos, sendo estes os elementos que compõem a sua estrutura, mas também os externos que são os conhecimentos prévios de cada indivíduo, que podem ser compreendidos através da comunicação, ou seja, sendo atribuídos vários e não apenas uma interpretação, tornando o texto com uma carga maior de sentido, pois a definição para texto não é limitado, podendo ter qualquer realização, tanto falado como escrito.

Conforme a autora nos aponta, no pensamento de língua (linguagem), entendido como uma atividade conjunta, o ato de elaboração textual, de produção e construção, deve ser entendida como uma atividade linguística que “[...] compreende o conhecimento gramatical e o lexical, sendo o responsável pela articulação som-sentido” (KOCH, 2013, p. 32), como também sociocognitivo, ou seja, elementos

presentes na memória de cada indivíduo que contribuem no processo de produção de sentido e interação.

É importante ressaltar que a construção do sentido do texto não se dá apenas na produção escrita, e sim, como é construído seu sentido a partir da interação entre os interlocutores que compõem essa situação, como também a bagagem de conhecimentos que os sujeitos possuem e integram junto ao texto, ou seja, na definição do que é texto, encaixa-se o critério da comunicação, pois através destes são observados pontos como: produção, relação e recepção.

Desse modo, o texto define-se como portador de sentido, a partir dos elementos que se comunicam como é o caso da interação linguística, social e cultural, ficando evidente que através desses é formado a construção significativa do texto.

Vale salientar, que a produção textual, seja ela ligada a escrita ou à compreensão, deve ser entendida como aspecto linguístico e sociocomunicativo.

Ainda sobre a construção de um texto, de acordo com Beaugrande e Dressler (1983 *apud* KOCH, 1999) existem dois componentes que estão presentes na produção e na comunicação, sendo eles a intencionalidade e aceitabilidade. Nessa linha de pensamento, a intencionalidade está relacionada ao desenvolvimento de um texto/discurso coerente e coeso; e a aceitabilidade está ligada à aceitação do outro (interlocutor) aos elementos com que irá se deparar e através destes construir conhecimentos e contribuir com as intenções do produtor.

É visto que a coesão e a coerência são elementos primordiais na construção do sentido do texto. Com base em Koch (2013), a coesão pode ser definida como uma manifestação que ocorre entre os elementos linguísticos e como essas ocorrências estão interligadas dentro da construção do seu sentido, formando assim, uma sequência lógica no texto. É através desses fatores linguísticos, que o texto em si vai possuindo forma, significado e função, sendo definida com base na sua funcionalidade no âmbito social.

Outro elemento importante na construção do texto é a coerência textual. Trata-se de uma manifestação ocorrida de forma implícita no texto que colabora para a composição do sentido entre os interlocutores e o próprio texto. Com base na autora, a coerência não está precisamente no texto, mas a partir da interação estabelecida entre os falantes, considerando também, os componentes coesivos.

Koch (2013 *apud* BEAUGRAND; DRESSLER, 1981) apresenta a intertextualidade como um dos pontos fundamentais da textualidade, sendo esta definida como um dos critérios que determina a produção e a recepção do texto e como o entendimento de outros textos interferem nesse processo.

A autora apresenta em seu livro a intertextualidade em dois sentidos: sentido amplo e sentido restrito. Em seu sentido amplo a intertextualidade é um dos componentes responsáveis pela formação do discurso. No sentido mais restrito, compreende a relação de textos já existentes. Como é possível perceber, a intertextualidade é um dos componentes mais importantes na construção de sentido do texto.

Ancorados por a definição do que é um texto, com base nos autores apontados, no próximo item abordaremos o processo de retextualização.

2.1.2 O processo de retextualização na perspectiva de Marcuschi

Para compreender o processo de retextualização, é fundamental que tenhamos um embasamento sobre língua falada e escrita, assim como, letramento, oralidade e entendermos como essas práticas se realizam na sociedade.

De acordo com Marcuschi (2010a), o fato é que, dentro da civilização todos falam, mas nem todos têm o acesso à escrita como a oralidade, tornando assim, suas disposições não igualitárias. O autor ainda destaca que é impossível centrar-se apenas no código linguístico para fazer um levantamento entre os termos já citados, sendo necessário observar juntamente as práticas cotidianas que englobam os pontos mencionados, pois apesar da escrita ter um grande significado na sociedade, a fala sobressai, pois falamos mais do que escrevemos.

É válido destacar que a fala e a escrita não devem ser postas como uma mais significativa do que a outra, pois ambas possuem seu valor na sociedade. Através da relação existente entre elas são definidas as práticas sociais que, por sua vez, possuem valor comunicativo e integrante do desenvolvimento social e cultural. Vale destacar que tanto a fala como a escrita possuem características que as definem e as diferenciam, mas não que as tornem dicotômicas, pois são usadas de formas distintas e de maneira complementar.

O autor salienta que a língua se edifica através do seu uso na sociedade, e que não são as regras morfológicas que definem a sua funcionalidade, e sim, o uso da mesma nas atividades de comunicação, isto é, são as práticas realizadas através da língua que a define.

Nesse sentido, a oralidade e a escrita são termos essenciais para a organização da vida cotidiana, pois é através da oralidade que nos comunicamos, interagimos e resolvemos situações. Vale aqui destacar, a vasta importância da escrita no dia a dia, pois é através dela que são solucionadas situações desde as mais simples como as mais complexas. Portanto, a escrita é um elemento imprescindível e fundamental para organização diária de nossas atividades.

É importante destacar que a escrita não é a representação efetiva da fala, pois através da escrita não podem ser observados manifestações e detalhes que apenas podem ser constatados através da oralidade.

A oralidade e a escrita são dois fenômenos que fornecem aos textos uma construção de sentido mais significativa, pois esse conjunto e interação que podem ser desenvolvidos entre ambas, trazem para o texto, tanto falado como escrito, um conjunto de informações ricas, pois são termos que se fundem.

É fato que a oralidade existe bem antes da escrita, mas isto não justifica ou a escrita perde seu valor diante disso, pois da mesma forma que a fala possui seu espaço na sociedade, assim acontece com a escrita, isto é, a individualidade de um, completa a limitação do outro, cada qual possui sua competência em produzir textos que possuem coesão e coerência.

Marcuschi (2010a) ressalta em seu livro que mais importante do que analisar a oralidade e letramento como formas de usar a língua, é observar como essas manifestações se realizam nas práticas sociais, visto que essas ocorrências, principalmente a fala, são executadas desde o início da vida do ser humano. É por meio dessas atividades que o ser humano se define na sociedade, através de práticas culturais, sociais, dialógicas, comunicativas e dentre outras, pois são através destas que são desenvolvidas a civilização e inclusão na sociedade.

Partindo dessas observações sobre a fala e a escrita, podemos adentrar nos processos de retextualização e como esses procedimentos acontecem. O que será abordado nessa perspectiva é como se desenvolve a execução de um gênero oral para o escrito e como ocorre essa transformação, denominada retextualização.

O autor destaca que esse processo não é desenvolvido de maneira

inconsciente, para isso é necessário que se tenha um apanhado teórico e que possua conhecimentos sobre quais os caminhos irão ser percorridos para obter um resultado satisfatório desse processo, visto que envolve aspectos do sentido do texto (falado ou escrito). O estudioso ressalta que não se trata de passar de um texto desorganizado (falado) para um organizado e estruturado (escrito), isso porque, cada qual possui sua estrutura com base na sua funcionalidade.

A transformação de um gênero para outro não significa dizer que passará o gênero base para ordem, pois este já está na sua regularidade, trata-se, apenas, de processar e adaptar o gênero para o sugerido, mantendo sua essência, objetivo comunicativo e compreensão.

O processo de retextualização está mais presente na vida cotidiana do que podemos imaginar, observar ou analisar. São atividades que acontecem no dia a dia, mas raramente quem a utiliza não percebe. Exemplo disso é: ao relatarmos para outra pessoa uma mensagem que já foi passada, está sendo realizada a retextualização.

A retextualização pode ocorrer de diversas maneiras, sendo elas: da escrita para a escrita; da escrita para a fala; da fala para a escrita ou da fala para a fala. Um dos componentes principais da retextualização é a compreensão, pois para transformar um gênero em outro, essencialmente necessitamos compreender o que está sendo dito através do gênero, logo, antes de qualquer atividade que envolva esse processo, é necessário que entendamos qual a mensagem do texto, para assim, dar início ao desenvolvimento dessa atividade. É válido ressaltar que quando essa etapa não é desenvolvida como indicada, ocorre dificuldades no quesito de coesão e coerência do texto.

Vale ressaltar a diferença existente entre retextualização e transcrição de um texto. A transcrição refere-se a passar um texto de sua forma sonora para a grafia (escrita), levando em conta os seus critérios já determinados. Para isso é necessário atenção ao realizar essa execução, pois as possíveis mudanças geradas, nessa atividade, não podem interferir na lógica do conteúdo produzido através da mensagem do texto. No quesito da retextualização as modificações são mais perceptíveis, pois trata-se de mudanças relacionadas ao tipo de gênero, linguagem, (vocabulário, expressão e dentre outros).

A transcrição é uma das primeiras transformações no processo de retextualização, sendo neste caso uma efetiva passagem do texto oral para o

escrito, ou seja, o texto é passado de sua formatação base para a grafia, utilizando a norma padrão da LP.

Para ser realizada a atividade de transcrição é necessário, que façamos uso da compreensão, visto que são atividades que necessitam uma da outra e se pertencem, ou seja, para transcrever é evidente que compreendamos o texto base. Sendo assim, toda transcrição passa por um processo de adaptação, e nessa atividade, sempre haverá mudanças. A adaptação pode ser definida através de critérios estabelecidos para manter a autenticidade do texto, sendo fiel ao produto oral, pois muitas expressões como faciais, gestuais e entonações se perdem nesse processo.

A transcodificação, como já citado, é a mudança do sonoro para o gráfico, e a adaptação, uma variante da retextualização. Na retextualização, sempre haverá interferências no plano da forma e substância do conteúdo e da expressão. A adaptação pode ser proposital no quesito da escrita, pois o escritor tem domínio do que escreve e quais as emoções quer causar no seu leitor, seja através de diálogos e outras particularidades. Em fim, através destas abordagens, a transcrição não é uma atividade comum a ser realizada, é um processo que está ligado diretamente com a fala, por isso é necessário atenção ao realizarmos esse ponto, visto que é um dos critérios base para se chegar à retextualização.

O uso dos GTs, tendo em vista a retextualização, abre caminhos para trabalhar o letramento e suas múltiplas facetas, podendo fazer uso da língua e dos gêneros em seus mais variados aspectos comunicativos e discursivos.

Para realizarmos a retextualização é essencial que partamos da compreensão do texto base e das situações que o envolvem para não fugirmos do tema original. Depois é necessário definirmos o gênero textual que queremos utilizar para ser retextualizado, considerando as situações comunicativas que podem surgir a partir de práticas realizadas no dia a dia, ampliando assim as práticas comunicativas do usuário, tanto na fala como na escrita.

Amparados nos assuntos acima abordados, adentraremos mais profundamente no efetivo processo de retextualização. Na obra de Marcuschi (2010a) *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização*. Para isso quadro a seguir, nos atenta sobre os processos que percorrem a retextualização.

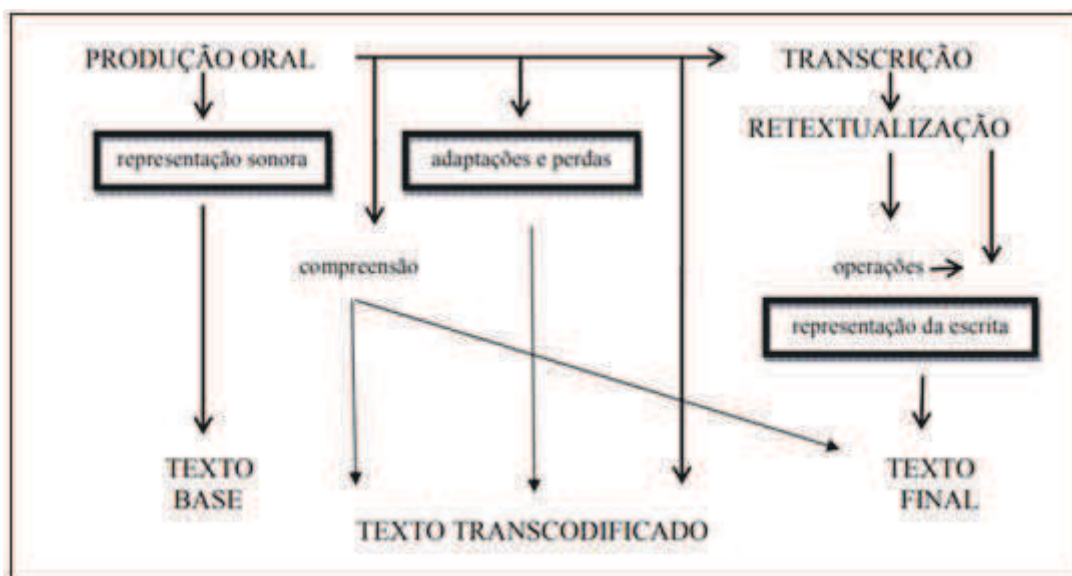
Quadro 1 - Aspectos envolvidos nos processos de retextualização

Fonte: Marcuschi (2010a, p.69).

No Quadro 1, observamos que os conjuntos A, B e C, estão intimamente ligados, isto é, norteiam as execuções linguísticas, textuais e discursivas. Já o componente (D), trata-se do aspecto cognitivo, é abordado em última instância. Os componentes (A, B e C) colaboram e desenvolvem o quesito da compreensão, que resultará no conjunto (D), visto que a interpretação é tratada como quesito base e primordial para a realização de uma efetiva e satisfatória retextualização.

As operações realizadas requerem antes de tudo uma interpretação que fundamente o entendimento sobre o que será retextualizado, sendo esta uma das primeiras operações a serem desenvolvidas, assegurando as demais operações linguísticas, discursivas e textuais. Vale ressaltar que essa primeira operação (ABC) é essencial às demais, visto que se utiliza dos aspectos cognitivos que compõem a idealização, reformulação e adaptação, que são os componentes que produzem a retextualização. No quesito da compreensão é essencial que utilizemos o conhecimento de mundo, em virtude das vastas possibilidades de interpretação.

Para obter maior entendimento de como se executa o processo de retextualização, utilizaremos de um diagrama disponibilizado do livro de Marcuschi (2010a) para melhores explicações.

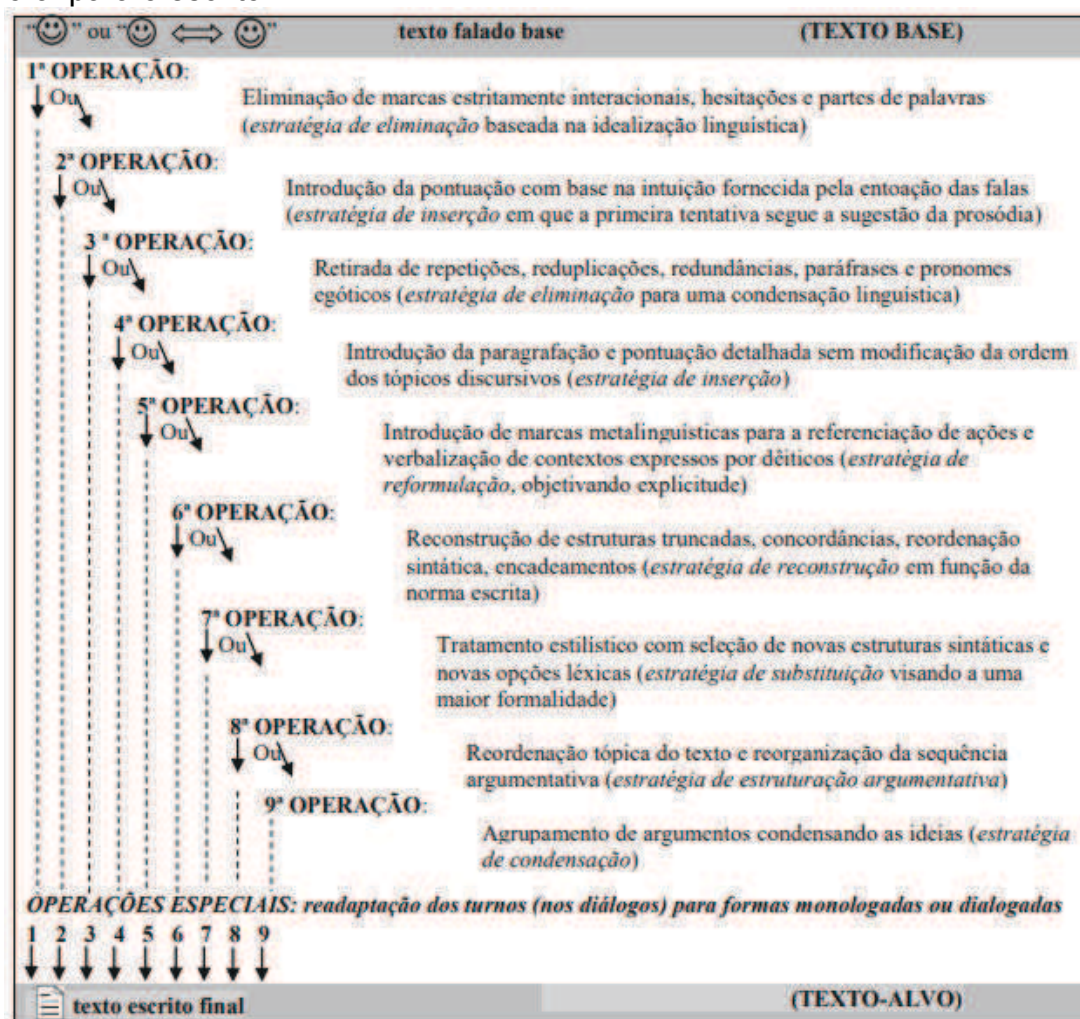
Diagrama 1 - Fluxo das ações

Fonte: Marcuschi (2010a, p. 72).

No Diagrama 1, o autor explica como se desenvolve os processos para alcançar a retextualização, da oralidade (texto base) para a escrita (texto final). Em primeira instância, temos o texto base, este que será compreendido e transcodificado. Em seguida temos as adaptações e perdas de elementos da oralidade. E por fim o texto final que é a representação da escrita.

Marcuschi (2010a) produziu outro diagrama apontando as operações textuais discursivas que são imprescindíveis na passagem do texto oral para o escrito, sendo o texto base e o texto alvo, ou seja, o texto que desejamos alcançar através das operações citadas no Diagrama 2. Vejamos:

Diagrama 2 – Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito



Fonte: Marcuschi (2010a, p. 75).

No Diagrama 2 são apresentadas nove operações que podem ser seguidas e agrupadas em dois conjuntos. O primeiro está relacionado às regras de regularização e idealização, que são compostas pelas operações de 1-4, compreendendo a introdução, eliminação e retirada de repetições, redundâncias, etc. O segundo conjunto é denominado por regras de transformação, sendo composto pelas operações 5-9 e as operações especiais, baseando-se na reconstrução, reordenação, reorganização e condensação das ideias.

De acordo com o autor, as operações não necessitam seguir nessa ordem, pois não é algo hierárquico, mas podem ter mais sentido se utilizar dessa ordem proposta. É importante apontar que o processo pode encerrar em qualquer uma das operações sugeridas.

Com o propósito de ampliar os objetivos comunicativos dos alunos, fica evidente a contribuição da retextualização, visto que é um mecanismo que torna possível a interação dialógica e social do ser humano, além da contribuição na sua formação, podendo atribuir aos textos falados ou escritos, uma bagagem de significados e adaptações com base no seu objetivo comunicativo. Além dessas contribuições, a retextualização possibilita adaptações a diversos gêneros, do mais complexo ao mais simples, ampliando o repertório de conhecimento, de produção e interpretação dos diversos gêneros, tanto da oralidade como da escrita.

2.2 Os gêneros textuais como instrumentos norteadores no ensino-aprendizagem

Os GTs não é algo novo, há muito tempo é produzido e utilizado. Segundo Marcuschi (2008), a primeira análise sobre os gêneros foi realizada por Platão que faz referência aos gêneros literários. Com Aristóteles, os gêneros possuem uma definição mais estruturada, possuindo três gêneros do discurso retórico: *discurso deliberativo* – com o objetivo de aconselhar e desaconselhar; *discurso judiciário* – possui a função de acusação ou defesa; e o *discurso demonstrativo* – utilizado para o elogio ou censura, fazendo uso do presente.

Entendemos que os GTs são objetos educacionais totalmente presentes na vida social e cultural da sociedade, pois é através desses instrumentos que relações são estabelecidas entre falantes de uma língua. São formas de desenvolver as ações sociais e comunicativas no dia a dia, pois de acordo com Marcuschi (2010a, p.19), os gêneros são “[...] entidades sóciodiscursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Com base no autor, os gêneros são utilizados conforme a necessidade e a ação comunicativa, sendo adaptados de acordo com a sociedade, a cultura e a situação em que será inserido como ferramenta de comunicação. Um exemplo disso são as modificações surgidas a partir dos novos gêneros que brotaram com a escrita, a imprensa, as tecnologias e a internet. O acréscimo é justificável, porque antigamente, grande parte dos gêneros era originalmente oral, e, portanto com número limitado.

Após a inserção das novas tecnologias juntamente com a *internet*, como o computador, a televisão, o telefone, celular, rádio e dentre outros elementos

pertencentes à tecnologia, surgiu assim, as vastas possibilidades de gêneros e suas utilizações na sociedade.

De acordo com o autor, os GTs não devem ser definidos apenas conforme os elementos linguísticos, considerando unicamente aspectos estruturais e formais, mas também a sua funcionalidade e o objetivo comunicativo que quer alcançar. Dessa forma, Marcuschi (2010a, p. 37) defende a importância de se analisar o gênero a partir do “[...] conteúdo, composição, estilo, nível linguístico e propósitos”.

Ainda de acordo com a definição de GTs de Marcuschi (2010a), é válido ressaltar que os gêneros podem ser definidos com base no mecanismo em que ele está sendo divulgado, ou seja, o que interfere também na sua caracterização é o suporte em que o gênero estará sendo divulgado.

Como já apontado, com a contribuição das novas tecnologias, o número é crescente sobre os GTs, mas o aumento destes não é apenas referente à tecnologia, e sim, ao seu uso, pois é a partir desse aspecto que as práticas de comunicação obtêm um acréscimo, originando assim novos GTs, que contribuem tanto para comunicação oral como escrita.

Seguindo essa linha de pensamento, Bakhtin (1997 *apud* MARCUSCHI, 2010a) fala sobre a “transmutação” dos gêneros, visto que muitos gêneros atuais são adaptações ou transformações em gêneros já existentes. Exemplos citados são: a conversação e o telefone, *e-mail* e o correio eletrônico e dentre outros gêneros que são adaptados conforme a necessidade de comunicação.

Ainda abordando a definição de gêneros, é importante destacarmos o que define GTs e tipos textuais, visto que são termos utilizados e muitas vezes confundidos. O termo tipo textual é caracterizado de forma mais restrita, sua composição é mais resumida, como por exemplo: narração, descrição, dissertação, argumentação, injunção e etc.; e GTs compreende um número maior na sua significação, como por exemplo: o bilhete, carta, *e-mail*, receita, reportagem, notícias e etc.

Para uma maior compreensão, utilizaremos de um quadro para melhor visualizarmos:

Quadro 2 - Definição de Tipos Textuais e Gêneros Textuais

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem seqüências linguísticas ou seqüências de enunciados e não são textos empíricos	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: Dionísio, Machado e Bezerra (2010, p. 24).

Ao compreendermos a importância dos GTs, fica evidente que o ensino de LP deve fundar-se nesse quesito, pois através desse mecanismo podemos trabalhar com gêneros orais ou escritos, visto que estes circulam nas mais variadas situações do cotidiano.

Como aponta Antunes (2002), através dos GTs é possível desenvolver um ensino mais relevante, capaz de aprimorar os conhecimentos textuais e discursivos dos alunos, aperfeiçoando o ensino de maneira mais contextualizado, que amplia a compreensão e produção dos gêneros, tanto oral como escritos. A autora ainda destaca que o estudo por meio dos gêneros é importante desde as séries iniciais, e esse estudo deve basear-se em entender a sua funcionalidade e como se situam nas práticas sociais, e não apenas saber definir o gênero, fundado somente em identificar e classificar.

Fica evidente que o uso dos GTs contribui de forma significativa para o ensino-aprendizagem do aluno, contribuindo tanto para o contato direto com a língua, como para a produção, interação e recepção dos mesmos. Portanto, utilizarmos os GTs como ferramentas para o ensino na sala de aula é de suma importância, visto que através destes podemos nortear o ensino.

Para Marcuschi (2010b), trabalhar com os GTs está intimamente ligado ao uso da língua nas suas mais diversas esferas sociais, visto que os gêneros se definem a partir de seu uso nas diferentes práticas comunicativas e discursivas, pois não é suficiente sabermos qual gênero é e como é realizada a sua produção, e sim, compreendermos a sua função, de maneira adequada, pois cada um possui suas particularidades e objetivos comunicativos.

No que se refere à produção textual do gênero, Marcuschi (2010b, p. 36) explica que é importante considerar alguns aspectos que interferem na construção e adequação do gênero:

- natureza da informação ou do conteúdo veiculado;
- nível de linguagem (formal, informal, dialetal, culta etc.);
- tipo de situação em que o gênero se situa (pública, privada, corriqueira, solene etc.);
- relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos, nível social, formação etc.);
- natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas.

Diante disso, os GTs funcionam como instrumentos de ensino para o professor. Para desenvolver as atividades é fundamental que o docente desperte nos alunos o interesse por conhecer os gêneros, elaborando propostas de atividades e estratégias de ensino que contribuam para a compreensão, produção e conhecimentos dos diversos gêneros existentes e suas funcionalidades.

Para isso é necessário desenvolver um ensino e estudo contextualizado, baseando-se no entendimento do texto no seu aspecto geral, entendendo as particularidades existentes em cada gênero, não utilizando apenas fragmentos descontextualizados para explicar ou abordar determinados assuntos.

No que consiste o ensino de LP, é de suma importância ter como prioridade o desenvolvimento das capacidades de interpretação dos alunos sobre os determinados gêneros existentes, desde os que circulam nas salas de aula e os estão presentes fora dela também, pois é através desses estímulos que a bagagem de conhecimentos dos alunos são aprimoradas.

Em geral, fica evidente o quão significativo é a utilização dos gêneros como ferramentas instrutoras para o ensino da língua, dadas a sua contribuição para o desenvolvimento da linguagem, do cognitivo do aluno, da interação e de diversos outros estímulos que são aprimorados a partir deles.

No item a seguir, falaremos do gênero textual documentário, ferramenta utilizada no terceiro capítulo deste trabalho, ao abordarmos o processo de retextualização.

2.2.1 Gênero documentário

O gênero documentário, utilizado como instrumento base para a retextualização, é um gênero do cinema e é caracterizado, principalmente, por apresentar, através de uma tela, a realidade.

De acordo com Penafria (1999) em seu livro *O filme documentário: História, identidade e tecnologia*, os documentários são “*retalhos da realidade*”, em que tudo acontece de forma natural. Os atores e os gestos são espontâneos enquanto o cenário centra-se na paisagem natural, pois de acordo com o autor:

A câmara de filmar sai do estúdio, vai de encontro ao mundo. As imagens, o principal material do filme, são recolhidos *in loco*, os actores são as próprias pessoas, sendo, portanto, actores naturais, e o cenário é o próprio meio ambiente em que vivem (PENAFRIA, 1999, p. 39).

O ponto importante para destacar esse gênero é o registro em *in loco*, sendo esta uma das características mais marcante e fundamental na produção de um documentário, pois é visto como seu identificador. Outro aspecto considerável é a organização do material *in loco* obtido, sendo ideal realizar uma interpretação e estruturação dos documentos alcançados.

O registro em *in loco*, muitas vezes não consegue ser obtido no exato momento, mas o autor pode recorrer a arquivos e imagens históricas, ou seja, tanto o documentarista pode utilizar de recursos antigos, como voltar ao local onde a história aconteceu e até mesmo, recolher depoimentos de indivíduos que estiveram envolvidos no acontecimento.

De acordo com Melo (2002), a definição de *in loco* é apresentada de maneira subdividida. No que se refere a *in loco contemporâneo*, trata-se do tempo e do espaço do acontecimento contemporâneo. O *in loco (re)construído* faz menção ao passado e tem interferência do documentarista, enquanto que o *in loco* referencial

evolutivo, também se trata de um registro que faz referência ao passado, mas sem a interferência do documentarista.

Para Melo (2002, p. 26), as características que compõem o documentário são:

- usar figura do locutor (*on* ou *off*)
- construir o filme apenas em cima de depoimentos;
- utilizar o recurso da reconstituição para contar a história;
- criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa;
- Apresentar documentos históricos, etc.

Analisando as características do documentário é perceptível que um dos componentes mais importantes é a presença do registro natural, pessoal, que retrate de fato as ocorrências que estão intimamente ligadas ao indivíduo.

No documentário, o ator, que é o próprio narrador do fato, possui total liberdade ao se expor, podendo interferir através de suas opiniões sem ser reprimido, ou seja, sendo fiel ao seu conhecimento e seus pensamentos, isto é, algo autoral. É importante destacar que a presença do narrador não é algo obrigatório, pois o documentário pode ser montado de maneira que não precise de um narrador para fazer os ligamentos dos pontos entre os depoimentos pertencentes àquela produção.

Diante das características expostas sobre o gênero documentário, é perceptível como esse gênero é importante para a formação dos alunos, no que se refere ao desenvolvimento da linguagem, do discurso argumentativo, ao seu posicionamento como autor e ator, etc., além de possibilitar a criação de outros gêneros com abordagens várias.

2.2.2 Gênero diário

O gênero diário é um tipo de texto que contempla relatos de experiências, desejos, sonhos, desabafos de fatos que acontecem no dia a dia.

Hess (2006) afirma que a produção do diário é atividade antiga, destacando três tipos de diário: o diário da saúde, o diário de seus encontros e o diário de aquisições científicas. O autor destaca que escrever um diário é construir sua identidade e formar sua personalidade.

Através do diário é possível eternizar os momentos a partir da escrita, preservando as descobertas e vivências da vida, ou seja, é uma prática que acontece, preferencialmente, todos os dias.

Hess (2006) ao apontar as primeiras características do diário, destaca três tipos de diário: diário do corpo (saúde), diário da alma (encontro com outras pessoas e o que se retire desses encontros no plano moral), e o diário intelectual (conhecimentos intelectuais adquiridos através de encontros e leituras).

Para Hess (2006), o diário é redigido no dia a dia através das vivências registradas do que aconteceu, sendo escrito especificamente no presente. Para isso escreve-se os momentos acontecidos, os pensamentos e tudo que é vivido, considerando que nesse quesito é aceito a espontaneidade, pois o diário é escrito para si.

Vale destacar que o diário pode ser escrito de forma individual ou coletiva. Em se tratando do diário individual o autor é o único sujeito do diário, enquanto que no diário coletivo a escrita pode ser compartilhada por mais de um autor. A escrita do diário está direcionada a um outro, mesmo se o autor acaba sendo o próprio destinatário ao ler e reler o que foi escrito.

O diário possui uma escrita fragmentada e resumida em que se destacam as coisas observadas como interessantes para a vida. Através dele, podemos remeter a acontecimentos do passado, podendo ter relação também com situações no presente. É ainda considerada uma escrita transversal porque através do diário podemos registrar acontecimentos de diversos temas.

Diante do exposto, podemos considerar o gênero diário como uma ferramenta importante a ser desenvolvida nas práticas de ensino, visto que ele possibilita o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para a composição e produção textual.

3 A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO PARA O GÊNERO DIÁRIO

O exemplo de retextualização aqui apresentado tem por objetivo contribuir com o ensino-aprendizagem do aluno do 8º ano do Ensino Fundamental. Este está fundamentado nos aportes teóricos de Marcuschi (2010a), que defende a importância desse processo na construção de novos textos. Para isso apresentaremos as etapas que compreendem esse processo:

I ETAPA

Neste momento, apresentamos os gêneros textuais documentário e diário que serão trabalhados nesse processo de retextualização. Para isso destacamos a composição estrutural de cada um desses gêneros.

Figura 1 - Documentário



Fonte: Página do Google ¹.

Figura 2 - Diário



Fonte: Página do Google ².

Em se tratando do gênero textual documental, esse caracteriza-se pela presença do registro natural, pessoal, que retrata fatos e ocorrências que estão intimamente ligadas ao indivíduo. Nesse gênero o ator é o próprio narrador do fato, que por sua vez possui total liberdade ao expor suas opiniões. O documentário pode

¹ Disponível em: <https://www.alagoasnet.com.br/v3/inscricoes-abertas-para-o-curso-de-producao-de-documentario-em-arapiraca/>. Acesso em: 16 nov. 2019.

² Disponível em: <https://mimpapelaria.com.br/diario-personalizado-mim-papelaria-classico-diario-liso/p/1267/19841>. Acesso em: 16 nov. 2019.

ser montado de maneira que não precise de um locutor para fazer os ligamentos dos pontos entre os depoimentos pertencentes àquela produção.

No caso do gênero textual diário, esse pode ser escrito de forma individual ou coletiva e está direcionado a um outro, mesmo se o autor acabar sendo o próprio destinatário ao ler e reler o que foi escrito. Como característica, esse gênero possui uma escrita fragmentada e resumida em que se registram fatos ocorridos.

II ETAPA

O trecho do documentário “Borboletas em voo” disponível no *youtube*³ trata-se de um vídeo enviado para o Programa Altas Horas da TV Rede Globo, dirigido por Luiza Rudge Zanoni e produzido pela Bivolti Produções.

Esse vídeo é o elemento base que recorreremos para a retextualização do gênero oral para o escrito, transformando-o no gênero diário. O documentário é produzido em uma campanha denominada “Barulho do silêncio” que tem por objetivo mostrar como ficar em silêncio pode ser prejudicial à vida daquele que sofre *bullying*, portanto o objetivo central do documentário é fazer barulho, expor que a melhor opção não é silenciar, e sim falar sobre o problema. Diante disso observamos qual a mensagem que este gênero quis passar, assim como seu objetivo comunicativo e social.

O gênero documentário “Borboletas em voo” fala sobre *bullying* e como isso prejudica diretamente a vida do ser humano, visto que são práticas violentas, tanto físicas como psicológicas, frequentemente repetitivas que atingem diariamente uma pessoa.

Nessa etapa é essencial compreendermos a mensagem que o texto base apresenta, pois para que ocorra este processo de mudança não podemos modificar o sentido do texto primário.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZhpY1Rtas>. Acesso em: 16 nov. 2019.

III ETAPA

Nessa etapa abordamos a transcrição do gênero oral para o escrito, a partir da sua forma base (oral) para a grafia. Esse momento, para Marcuschi (2010a) é importante respeitar a natureza do discurso, sem modifica-lo. Portanto, nessa etapa transcrevemos a passagem fiel do texto oral para o escrito, deixando as marcas da fala que compreendem as eliminações de hesitação, repetições e dentre outros marcadores. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 3 - Texto 1: Transcrição do gênero “Borboletas em voo” (texto original - com hesitações, repetições e sem inserir pontuação)

A minha primeira experiência de escola não foi um problema. Minha mãe conta que...que ela me deixou na escola e... virou as costas e foi embora e eu adorei, quando ia me buscar não queria sair da escola.

Depois eu mudei e fui “puma” (para uma) escola maior e nessa escola eu fiquei até a sétima série e ai... (pausa) foi quando... (pausa) as coisas começaram a piorar.

Eu tinha vários apelidos. Eu um moleque assim, um molequinho de cabelo curto, óculos de olho grosso, jogava futebol, brincava muito mais com as coisas do meu irmão do que com as minhas próprias e eu era a Maria sapatão da escola.

Depois no ginásio as coisas... (pausa) foram piorando. Teve uma vez... que assim, pra mim foi o pior dos episódios. Criaram um boato de que eu... tava no banheiro da escola, na época eu tinha uma caneta de doze cores... uma caneta grossa e eu usava essa caneta para me masturbar no banheiro. Foi um negócio que correu a escola... durou um bom tempo e.... cê se defende de um boato como, né? num, num tinha como me defender, nem nada.. (pausa) teve um um.. uma outra vez que tinha.. tinha brigado com uma menina (pausa) é...e.... (pausa) e ai sem ter... já tinha passado essa briga e sem querer um dia ela tava atrás de mim, eu virei com o cotovelo e dei o cotovelo na cara dela... e ai veio uma massa de gente em volta porque acharam que eu tinha feito aquilo.. de proposito e as pessoas me empurraram para o chão, eu lembro só das pessoas me chutando, chutando, chutando, chutando, chutando.. e isso eu tava na 6 série e tinha um desnível do pátio pra quadra.. e eu rolei. E... Mesmo com tudo isso... eu fui suspensa. Não me lembro de ter... é.... nenhuma postura de orientação, nem coordenação... não sei... uma coisa que deixaram correr, não queria mudar de escola, quando eu mudei de escola foi... mudei detestando. Já é difícil quando você é... é adulto trocar o certo por o duvidoso, imagina quando você tem doze anos, né? onze, doze anos, vá vai sair de um lugar que apesar de tudo você conhece, você já sabe como é... de patinho feio... eu passei a... a ser... parte da turma dos aceitos, parecia que tinha sido uma vida desconectadas, sabe? Eu tava num outro mundo, num mundo que eu era... que

as pessoas tinham... um certo... que eu fazia parte dum grupo, né? que é o que cê mais procura quando tem quinze, dezesseis anos, mas o que eu acho.... muito muito muito bizarro até hoje, é que... toda vez que eu encontro meus amigos de colégio, alguns que são meus amigos ate hoje, a gente continua falando das coisas que aconteceram no colegial como coisas normais, pessoas que eu fique pensando... on... onde elas foram parar, sabe? É... é onde... isso deve ter sido... agora... vindo de agora de alguns anos pra cá, com quase trinta anos... quanto isso foi sério... (pausa) meu pai batia numa tecla muito forte, que... era... os verdadeiros amigos são os da primeira infância e olhando agora... vejo que... a gente tornou a vida de... de varias pessoas um inferno.

Fonte: Página do *Youtube*⁴.

IV ETAPA

A quarta etapa consiste na reescrita da transcrição do documentário “Borboletas em voo” que, para o autor trata-se do primeiro momento de retextualização, dado que aqui ocorrem as eliminações de hesitações, repetições, redundâncias e introdução da pontuação do texto a fim de obter um melhor entendimento do texto. Vejamos o quadro a seguir que mostra essas modificações:

Quadro 4 - Reescrita do gênero documentário “Borboletas em voo” com alterações para uma melhor compreensão do texto

A minha primeira experiência de escola não foi um problema. Minha mãe conta que ela me deixou na escola e virou as costas e foi embora e eu adorei, quando ia me buscar não queria sair da escola. Depois eu mudei e fui para uma escola maior e nessa escola eu fiquei até a sétima série e ai foi quando as coisas começaram a piorar.

Eu tinha vários apelidos. Eu um moleque assim, um molequinho de cabelo curto, óculos de olho grosso, jogava futebol, brincava muito mais com as coisas do meu irmão do que com as minhas próprias e eu era a Maria sapatão da escola.

Depois no ginásio as coisas foram piorando. Certa vez aconteceu o pior dos episódios. Criaram um boato de que eu estava no banheiro da escola me masturbando com uma caneta de doze cores. Foi um negócio que correu a escola e

⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZhipY1Rtas>. Acesso em: 16 nov. 2019.

durou um bom tempo. Defender-me de um boato desse era difícil. Não tinha como me defender. Uma vez, quando estava na 6ª série, tinha brigado com uma menina, mas já tinha passado essa briga. Um dia sem querer eu acertei acidentalmente o cotovelo na cara dela. Veio uma massa de gente em volta porque acharam que eu tinha feito aquilo de propósito. Eu me lembro das pessoas me empurraram para o chão e me chutando, chutando, chutando, chutando, chutando, até cai num desnível. Não obstante tudo isso eu fui suspensa.

Não me lembro de ter tido nenhuma postura de orientação, nem acompanhamento da coordenação. Uma coisa era certo, não queria mudar de escola. Quando eu mudei de escola, mudei detestando, pois já é difícil quando você é adulto trocar o certo pelo duvidoso, imagina quando você tem doze anos, né? Onze, doze anos, sair de um lugar que apesar de tudo você conhece e já sabe como é.

De patinho feio eu passei a fazer parte da turma dos aceitos. Parecia que tinha sido uma vida desconectada, sabe? Antes eu estava em outro mundo, um mundo que eu não fazia parte de um grupo. E isso é o que você mais procura quando tem quinze, dezesseis anos. Mas o que eu acho, muito bizarro até hoje, é que toda vez que eu encontro meus amigos do antigo colégio, alguns que são meus amigos até hoje, a gente continua falando das coisas que aconteceram no colegial como coisas normais. Pessoas que eu penso: onde elas foram parar? Agora vendo de alguns anos pra cá, com quase trinta anos, vejo quanto isso foi sério.

Meu pai batia numa tecla muito forte, que era: “os verdadeiros amigos são os da primeira infância”. Olhando agora vejo que a gente tornou a vida de várias pessoas um inferno.

Fonte: Reescrito pelas autoras (*Youtube*)⁵.

Nesse processo reescrevemos o texto de forma mais organizada e entendível com o objetivo de obter uma melhor compreensão do texto como um todo. Para isso foram retiradas algumas hesitações e repetições desnecessárias para o seu entendimento.

Na etapa seguinte apresentamos a retextualização do documentário “Borboletas em voo” para o gênero textual diário.

⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZhpY1Rtas>. Acesso em: 16 nov. 2019.

V ETAPA

Quadro 5 - Retextualização do gênero documentário “Borboletas em Voo” para o gênero Diário

23 de agosto de 2010

Querido diário,

Lembro-me de minha primeira experiência na escola. Era um lugar que gostava de estar e quando minha mãe ia me buscar não queria ir embora. Com o tempo mudei de escola e fiquei lá até a sétima série.

Na nova escola as coisas eram diferentes. Os alunos me apelidavam de Maria sapatão porque eu tinha cabelo curto e gostava de brincar mais com as coisas de menino. Um fato que ocorreu e que me deixou muito magoada foi quando criaram um boato na escola de que eu usava uma caneta para me masturbar. Esse foi um dos piores momentos de minha vida, pois não tinha como me defender.

As coisas ruins não pararam por aí. Um dia sem querer bati com o braço no rosto de uma menina e isso foi motivo de alvoroço na escola. Os alunos me bateram até me deixarem no chão. E o pior de tudo isso, é que fui suspensa da escola, sem ter uma oportunidade de me explicar, pois a coordenação não quis me ouvir.

Depois disso mudei novamente de escola, mas era algo que eu não queria, pois tinha medo de como seria a aceita na outra escola, já que as últimas experiências não tinham sido boas.

A grande surpresa foi que tudo aconteceu diferente do que eu esperava. Os colegas me receberam muito bem e de repente já estava fazendo parte de um grupo. Senti-me muito bem, era como se minha vida tivesse um novo sentido e mais alegria.

O incrível de tudo isso é que depois de tantos anos, reencontro com meus colegas de escola e falamos com normalidade o que vivemos naquela época, mas na verdade estou consciente de que aqueles fatos afetaram negativamente muitas pessoas.

Fonte:Retextualizado pelas autoras (Youtube)⁶.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZhipY1Rtas>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Constatamos que, o gênero retextualizado “diário” também aceita marcas de oralidade no texto, no entanto, através desse processo, aqui apresentado, quisemos eliminar as marcas de excitações e de redundâncias a fim de tornar um texto mais estruturado de acordo com as características do gênero diário.

Vale ressaltar que, a retextualização aqui apresentada seguiu a mesma linha de acontecimentos relatados no gênero base “documentário”, no entanto poderia seguir uma outra vertente de fatos, desde que fosse fiel ao sentido do texto original.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa discurriremos sobre as contribuições que a LT trouxe para o ensino, ao apresentar a importância do texto e dos GTs na construção de atos comunicativos e sociais. Nessa perspectiva entendemos que já não é concebível trabalharmos por meio de frases e palavras ditas fora do seu contexto de produção, isso porque resulta algo sem fundamento e sem sentido, além de não apresentar nenhum significado para o aluno.

Através deste trabalho, constatamos o quanto o processo de retextualização contribui para o desenvolvimento das capacidades de leitura, escrita, interpretação e produção de textos, por possibilitar um aprofundamento da compreensão do texto base que servirá de suporte para o surgimento de outro texto e desenvolverá a escrita, considerando as características do novo gênero a ser trabalhado. Além disso, trata-se de uma prática que está presente no nosso cotidiano, seja para transmitir uma mensagem ou buscar outras formas de falar a mesma coisa para outra pessoa.

Vale ressaltar que o processo de retextualização está intimamente ligado aos conhecimentos de mundo que a pessoa que vai realizar este trabalho possui, isso porque cada interpretação traz um pouco da cultura e dos valores de quem interpreta o texto.

Foi relevante constatar a contribuição dos GTs nesse processo, pois através desse mecanismo podemos conhecer os diversos gêneros presentes no dia a dia das pessoas, sendo eles dos mais simples aos mais complexos, partindo desde a sua composição estrutural até seu objetivo comunicativo nas diferentes práticas sociais. Nesse contexto compreendemos a sua real significância para o ensino-aprendizagem, por contribuir com a formação do cidadão, ao formá-lo para atuar, com autonomia, em diferentes práticas situadas.

No que se refere ao objetivo da pesquisa: abordar o processo de retextualização e como este pode auxiliar no desenvolvimento da escrita do aluno e na produção de novos textos, acreditamos ter alcançado, ao apresentar um exemplo de retextualização, direcionado a alunos do 8º ano do ensino fundamental. A finalidade foi contribuir com o ensino-aprendizagem, visto que durante nossa experiência nos Estágios Supervisionados, constatamos a dificuldade que os alunos

tenham ao trabalhar com o texto e com os diferentes GTs. Nesse contexto trabalhamos o processo de retextualização da modalidade oral para a escrita, tendo por texto base o gênero documentário que foi transformado em um gênero diário. Nesse processo conhecemos ambos os gêneros considerando a sua composição estrutural e características, assim como a compreensão do texto base para depois passar pelo processo de retextualização, propriamente dita, com a retirada de expressões de hesitações e repetições desnecessárias e adequação ao novo gênero.

Diante do exposto, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com reflexões sobre o processo de retextualização, voltado para o trabalho com o texto nas aulas de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irané Costa Morais. **Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas.** Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação – v. 20, n 1. Florianópolis, 2002. 65-75.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes e; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: Uma introdução.** 7. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M . H .M . B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDPUCRS, 2006, p. 89- 104.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & ensino.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010b, p. 19-38.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O Documentário como Gênero Audiovisual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 15. , 2002, Salvador-BA. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/45804366738191169013150690906956806443.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 10. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2013.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário.** História, Identidade, Tecnologia. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.